

A *Revista M.* chega ao seu quarto número trazendo aos leitores o Dossiê temático *"As celebrações da morte na Antiguidade"*, organizado pela professora Luciane Munhoz de Omena, da Universidade Federal de Goiás (UFG), e pelos professores Darío N. Sánchez Vendramini e Pedro Paulo A. Funari, respectivamente, da Universidade Nacional de Córdoba/Argentina, e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O foco privilegiado do Dossiê recai desta vez sobre os estudos das representações da morte entre as sociedades do mundo antigo, notadamente o universo romano. Entram em cena no conjunto de artigos publicados os modos de expressão e da vivência da morte nas narrativas literárias e nos poemas épicos, nas práticas dos jogos e cortejos civis, na cultura religiosa e tramas políticas e, ainda, nos suicídios aristocráticos.

Tais recortes temáticos e suas inúmeras possibilidades de enfoques podem ser lidos nas contribuições de nossos colaboradores e nossas colaboradoras, atuantes em universidades de diferentes regiões do Brasil e da Argentina, nas quais os grupos de pesquisas sobre as Antiguidades têm produzido conhecimento e vêm formando as mais recentes gerações de pesquisadores. Entre estes colaboradores e colaboradoras a *Revista M.* contou com Cláudia Beltrão, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Thiago Eustáquio Araújo Mota, da Universidade Federal de Pernambuco; Luciane Munhoz de Omena e Erick Messias Costa Otto Gomes, ambos da Universidade de Goiás; Renata Senna Garraffoni, da Universidade Federal do Paraná; Renato Pinto, da Universidade Federal de Pernambuco; e Darío N. Sánchez Vendramini, da Universidade Nacional de La Rioja, Argentina. O resultado da reunião de tantos artigos que encaram a morte sob variadas perspectivas, constituído por um grupo plural de profissionais, não poderia ser outro, senão um Dossiê original e inédito no conjunto de estudos tanatológicos, que passa a divulgar

as profícuas investigações sobre a cultura política, a constituição das hierarquias sociais, os conflitos sociais e as crenças religiosas na Antiguidade.

Na seção **Artigos Livres**, a presente edição publica três artigos com temas igualmente instigantes. Em *Dos horrores aos humores: os cemitérios no cordel brasileiro*, Lourival Andrade Júnior, com seriedade acadêmica, mas em linguagem coloquial e convidativa, nos leva a pensar sobre os cemitérios como espaços povoados pelos imaginários sociais, vivenciado por personagens aterrorizantes ou pitorescos, desde “fantasmas, exus e pomba-gira, mortos-vivos, assombrações, demônios e Satanás”, até “personagens fictícias da atualidade midiática”. Para o autor, estas personagens que habitam os cemitérios ganham vida por meio de histórias de assombração, perpetuadas na oralidade desde o medievo, passando pela poética cordeliana do nordeste brasileiro, chegando até os jogos eletrônicos contemporâneos e virtuais. O cemitério é, assim, espaço vivo, dinâmico e em constante transformação, que pode causar para alguns repulsa e horror, mas para outros “humor e boas gargalhadas”.

O imaginário em torno dos mortos também está presente em *Quando os mortos invadem os sonhos dos vivos: história e contemporaneidades*, de Joaquim Cícero dos Santos, que nos convida a passear pelas encruzilhadas oníricas das memórias populares e das narrativas orais, que unem as experiências terrenas e os imaginários sobre o Além. O Cariri cearense é o cenário escolhido pelo autor para tratar, com tons poéticos e intimistas (a exemplo do que fazem os melhores antropólogos em seus diários de campo), das crenças cultivadas pelos idosos a respeito da presença dos mortos no cotidiano dos vivos por meio dos sonhos, interpretados como mensagens recebidas dos que se foram. Para Santos, os sonhos são caminhos pelos quais os pesquisadores podem entender melhor as sensibilidades e os imaginários sociais sobre a passagem ao outro mundo.

O caso Charlie Gard: em busca da solução adequada, de Maria de Fátima Freire de Sá e Lucas Costa de Oliveira, põe em xeque os argumentos jurídicos e éticos provocados por uma sentença da Alta Corte de Justiça de Londres, em abril 2017, referente ao caso do bebê britânico Charlie Gard que, à revelia da vontade de seus pais, teve o desligamento dos seus aparelhos vitais determinado pelo judiciário daquele país. Os autores apresentam as contendas acadêmicas e os dilemas morais suscitados pela polêmica decisão para o centro do debate: as instâncias do judiciário têm maior poder de decisão que a autoridade parental, ou, ao contrário, o desligamento dos aparelhos de um bebê portador de uma doença genética rara e severa não deveria ser assunto da alçada do Estado? Afinal, a quem cabe agir em nome do interesse da criança, nos casos de doenças degenerativas e fatais? O texto elucidativo de Freire de Sá e Oliveira pode ser facilmente compreendido por nós leigos, com a apresentação de um significativo caso de comoção pública gerado pelo Direito contemporâneo e seus tortuosos caminhos no âmbito da problemática do direito de viver e de morrer dignamente, que envolve medicina, sociedade, igrejas, Estado e jurisprudência.

Nossa seção **Em Campo** deste quarto número traz o relato de experiência de Elisiana Trilha Castro para a criação, concepção e concretização do Memorial Funerário da família Haas, de Blumenau/SC. O artigo *Memorial Funerário Mathias Haas: a trajetória da criação de um espaço sobre a morte e os cemitérios* nos conta as etapas necessárias para o planejamento

do Memorial, que representa o primeiro museu sobre o tema da morte e dos cemitérios do Brasil. O mesmo abriga acervo preservado por décadas pela família, reunindo peças da funerária, ornamentos tumulares, fotografias, registros de empregados da empresa, catálogos de túmulos, revistas diversas, biblioteca, desenhos, materiais de expediente, dentre outros elementos. O desafio, segundo a autora, é dar continuidade ao inventariamento do acervo, que tem crescido, com mais e mais doações de novas peças trazidas pela família da Alemanha, no início do século XX.

A **Resenha** deste quarto número é de autoria de Sandra Gayol, da Universidad Nacional de General Sarmiento (UNGS), Argentina. Em *La muerte es escena: o sus dimensiones múltiples a partir del Este y Sur de Africa Central*, Gayol analisa o livro de Walima Kalusa e Megan Vaughan, "Death, Belief and Politics in Central African History", que trata da história da África e sua intrínseca relação com os ritos e a cultura mortuária como atos políticos e de resistência contra a interferência inglesa, durante o período de dominação colonial.

Nosso desejo, ao findar o presente ano e mais uma edição da **Revista M.**, é que você, leitor ou leitora, tenha a satisfação e a oportunidade de acesso a pesquisas de qualidade, que colocam a morte e seus desdobramentos em variadas dimensões temporais e espaciais e conferem o *status* de importante expressão cultural das sociedades humanas. Boa leitura!

Claudia Rodrigues (Editora-chefe)
Mara Regina do Nascimento (Editora-adjunta)

